

## **ESTUDOS DE GÊNERO NOS CURRÍCULOS DE FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: CONFLITOS E RESISTÊNCIAS DE UM CAMPO EM DISPUTA**

Autora: Thalita Regina de Oliveira Portela (1); Orientador: Wilson Alviano Junior (2)

*Universidade Federal de Juiz de Fora, [portelatha@hotmail.com](mailto:portelatha@hotmail.com); [wilson.alviano@ufjf.edu.br](mailto:wilson.alviano@ufjf.edu.br)*

### **INTRODUÇÃO**

O presente resumo é parte de pesquisa em andamento de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Nele a escola é compreendida como lugar de produção e reprodução de corpos, vivências, identidades e culturas (LOURO, 1997), partindo tanto daquilo que se experiencia dentro dela, quanto fora. Portanto, é de suma importância que as diferenças sejam reconhecidas, tratadas e respeitadas nas e pelas escolas. Afinal, as identidades são múltiplas e fragmentadas, o que faz com que as experiências da maioria das e dos estudantes sejam contraditórias, ambíguas e complexas e o papel da e do docente é de fazer com que as alunas e os alunos, as e os demais docentes e os membros da comunidade tomem conhecimento delas.

Veiga (2011, p.160) enxergando a potência da prática pedagógica, a conceitua como “uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto social”. Nesse sentido, uma vez reconhecida a importância desta na formação de alunas e alunos críticos, é percebida a necessidade de olhar para trás e entender como se dá a formação dessas professoras e desses professores para que possam chegar ao chão das escolas promovendo, através de suas práticas pedagógicas, uma educação libertadora (FREIRE, 1987). Assim, esta pesquisa se propõe a estudar a formação inicial em Educação Física, tendo como pressuposto a compreensão de que este componente curricular se situa na área de linguagens e possui como objeto de conhecimento a cultura corporal. Tal entendimento reforça a relevância da compreensão e o respeito à diversidade como importante ponto de partida para uma sociedade mais justa.

Dessa forma, sabendo que as e os docentes se constituem nos e através dos currículos, nosso objetivo geral é de conhece-los e analisa-los. Sendo estes entendidos através da conceituação de Goodson (2002) na qual o autor afirma que currículo é mais do que um documento determinante de conteúdos, mas sim um artefato social e cultural. Não sendo, portanto, neutros. Silva (2007, p.15) confirma isto ao dizer que “o currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o

currículo”. Complementando ainda ao nos dizer que o conhecimento que constitui o currículo está “inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade” (idem). Ou seja: o currículo nos constitui e nós o constituímos.

Partindo, então, do entendimento de que um currículo forma as pessoas que são consideradas ideais para certos tipos de sociedades, corroboramos com Silva (2007, p.16) ao reconhecer no currículo uma forma de poder, quando diz que “selecionar é uma operação de poder. Destacar, entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal é uma operação de poder”. Dessa forma, nossa intenção ao conhecer e analisar o currículo é tanto para compreender que tipos de formações são essas, como para reconhecer e analisar os movimentos de resistência que ocorrem nos espaços formativos, bem como os conflitos que deles emergem, sendo estes os nossos objetivos específicos. Portanto, como o foco da análise são as resistências em relação a um currículo que nega e/ou invisibiliza os debates de gênero, torna-se necessário conceitua-lo. Aqui compreendemos gênero a partir da definição de Joan Scott (1995, p.86) “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, sendo uma maneira de dar significado às relações de poder. Louro et al. (2000, p.9) considerando também essa definição, defendem que vinculação dos gêneros nos corpos acontece sempre no contexto de uma cultura, carregando marcas da mesma, assim como o currículo.

Assim posto, a presente pesquisa se justifica através do entendimento de que é preciso repensar e reconstruir os currículos de formação docente em Educação Física, pois, ao não reconhecerem nos estudos de gênero e nos demais marcadores sociais (LOURO, 2011) objetos de trabalho concreto que auxiliam na formação de professoras e professores comprometidos com a construção de uma Educação libertadora (FREIRE, 1987), continuam a perpetuar as mais diversas formas de opressão.

## **METODOLOGIA**

A abordagem teórico-metodológica que orienta esse trabalho é a dos estudos com o cotidiano (OLIVEIRA, 2008; FERRAÇO, 2007; DE CERTEAU, 1994), que apresenta uma compreensão de sua complexidade e, dessa maneira, busca perceber “saberes, valores, sentimentos e modos de interação específicos a cada *espaçotempo* social, respeitando-lhe o modo de ser e com ele dialogando” (OLIVEIRA, 2008, p. 166, grifo da autora). Nesta abordagem, cabe ainda destacar a importância dada aos sujeitos da pesquisa, reconhecendo segundo Ferrazzo (2007, p. 74, grifo do

autor) “*como sujeitos das pesquisas com o cotidiano todos aqueles que, de modo mais visível ou mais sutil, deixam suas marcas nesse cotidiano*”. Portanto, delimita-se aqui que nossos sujeitos de pesquisas serão todas e todos que integram os espaços formativos da Faculdade de Educação Física e Desportos (FAEFID) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Em relação aos instrumentos de pesquisa, a imersão no campo é a mais importante delas, pois podemos vivenciá-lo de fato em seu cotidiano, o que torna possível captar todas as relações que ali acontecem. Para registrar os fatos decorrentes da imersão, será construído um diário de campo. Em momento prévio à imersão, será realizada uma análise documental das diretrizes curriculares da formação docente em Educação Física, buscando conhecê-las e analisá-las. Com as informações coletadas, serão definidas posteriormente as categorias de análise, pois, em acordo com a metodologia que aqui nos apropriamos, entendemos que “uma metodologia de análise *a priori* nega a possibilidade do “com”, do “fazer junto”. Resulta em uma metodologia que antecede, que pensa antes o que poderá acontecer” (FERRAÇO, 2003, p.162, grifo do autor).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Por se tratar de pesquisa em andamento, essa seção refere-se a primeiros resultados, hipóteses e às próximas etapas da pesquisa. Nossa primeira constatação é de que o currículo de formação docente em Educação Física não abarca as questões relacionadas a gênero em nenhum de seus espaços. Seja nas diretrizes curriculares, ao não apresentarem nenhuma disciplina relacionada ao tema, seja nos espaços de discussão e/ou eventos que ocorrem no interior da FAEFID. É sabido também que as resistências causadas pela invisibilização das discussões de gênero existem, sendo um próximo passo analisá-las no sentido de descobrir como ocorrem, onde ocorrem e quem são as protagonistas desse processo de resistência. Outra hipótese, essa ainda a ser constatada, é de que tamanha exclusão de temas tão pertinentes à formação docente, advém do não reconhecimento da Educação Física como parte integrante da área de linguagens. Os próximos passos da pesquisa contarão também com maior aprofundamento teórico no campo dos estudos dos currículos e dos estudos de gênero, ambos localizados no viés da teoria pós-crítica.

## **CONCLUSÕES**

Sabemos que o currículo da Educação Física tem sido falho no que diz respeito à formação de professoras e professores que levem para as escolas práticas pedagógicas que considerem as diferenças, sejam de gênero, raça, sexualidade, classe, religiosa, dentre outras. Diante de um inicial

contato com o campo, já é possível afirmar que as diretrizes curriculares tratam como “questão de interesse” o trabalho com as diferenças. Ou seja, deixando a cargo de cada estudante que reconheça sua importância ou mesmo que tenha afinidade com o tema, a busca por disciplinas eletivas que contemplem as discussões. Sendo isto levado em consideração e após maior aprofundamento na literatura pertinente ao nosso objeto de estudo e tendo conhecimento das diretrizes curriculares da formação docente em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Desportos da UFJF, bem como reconhecendo os movimentos de resistência que acontecem no campo, podemos concluir que o campo está, de fato, em disputa, emergindo tensões, conflitos e, futuramente, espera-se, mudanças.

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: as artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R.L. (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. Pesquisa com o cotidiano. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOODSON, Ivor. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis; Vozes, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Form. Doc.**, Belo Horizonte, v. 03, n. 04, p. 62-70, jan./jul. 2011.

LOURO, Guacira Lopes et al. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

OLIVEIRA, Inês. Estudos do cotidiano, pesquisa em educação e vida cotidiana: o desafio da coerência. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 9, n. esp., p. 162-184, out. 2008.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VEIGA, Ilma. **A prática pedagógica do professor de didática**. 13. ed. Campinas: Papyrus, 2011.